

RESENHA

Poéticas da masculinidade em ruína: o amor em tempos de AIDS, de Anselmo Peres Alós (org.)

LUCAS TOKUHARA

Graduando em Letras - Bacharelado/Português (UFSM)

E-mail: lucas.tokuhara@hotmail.com

ALÓS, Anselmo Peres (org.). **Poéticas da masculinidade em ruínas**: o amor em tempos de AIDS. Brasília/Santa Maria: CNPq/PPGL-Editores, 2017.

Lançado em 2017 no formato digital, *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*, ganhou uma edição física no ano de 2022. Organizada pelo professor Anselmo Peres Alós, a coletânea reúne 13 artigos que possuem uma clara delimitação de seu objeto: as questões ligadas ao universo LGBTQIA+.

O livro abre com “Poéticas da masculinidade em ruínas: a literatura e o amor em tempos de AIDS”. Escrito por Anselmo Peres Alós, trata-se de um panorama dos estudos que problematizam a “interface *literatura e homossexualidade* no cenário da crítica brasileira e latino-americana” (Alós, 2017, p. 11). Além de destacar alguns trabalhos pioneiros, o artigo enfatiza como o contexto social impunha a abordagem de certos temas em pesquisas dessa natureza (por exemplo, a associação feita entre homossexualidade e a epidemia de AIDS). Ao tratar dos encontros sobre homossexualidade, letras e artes visuais realizados nas universidades brasileiras, discute não só a importância da organização desses eventos, mas também a maneira como esse novo campo discursivo foi visto na época, frequentemente desacreditado no meio acadêmico por ser, supostamente, uma abordagem “particularista”. O artigo encerra-se com breves comentários a respeito dos outros textos da coletânea.

Em “Reinaldo Arenas: o menino inoportuno de Cuba”, Bárbara Loureiro Andreta e Mônica Saldanha Dalcol decidem centrar sua atenção na figura do escritor cubano Reinaldo Arenas; mais especificamente, em seu livro *Antes que anochezca*. Finalizado pouco antes do falecimento do autor, o livro é de cunho autobiográfico que retrata um sujeito marcado pela inadequação: Reinaldo era um homossexual que vivia sob um governo que condenava essa prática. É justamente nesse ponto que o artigo transcende a mera figura do escritor e passa a ser um balanço crítico do processo revolucionário cubano.

Em “A convencionalidade violenta dos gays no cinema brasileiro e o contraponto não convencional de Highsmith”, Rosimeri Aquino da Silva e Fernanda Bittencourt Ribeiro começam debatendo o papel que o cinema possui na constituição do imaginário dos sujeitos. Com a atenção voltada às representações cinematográficas de homossexuais, as autoras apontam como eles são retratados a partir de dois tipos dominantes na indústria cultural brasileira: objetos de riso ou marginais; em ambos os casos, trata-se de um retrato estereotipado da experiência desses indivíduos. Esses dois tipos, entretanto, não estão

presentes na personagem de Tom Ripley, criada por Patricia Highsmith. Com isso, o artigo explora essa “discrepância”, possivelmente motivada pela “não convencionalidade” da própria Highsmith.

O próximo artigo, “Quando os arranjos familiares e as masculinidades entram em questão nas escolas”, não trata de uma obra ficcional, mas de uma pesquisa realizada por Marcio Caetano, Paulo Melgaço da Silva Junior e Treyce Ellen Silva Goulart. A proposta é analisar a forma como os alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro enxergam seus arranjos familiares. Os autores procuraram problematizar as noções heteronormativas que os alunos possuíam da família, defendendo que essas concepções são nocivas por desqualificarem os arranjos que fogem da norma estabelecida. Portanto, procurou-se pensar e apresentar um outro modelo de afetos apoiados na transgressão, que, frequentemente, eram os que mais se encaixavam na realidade dos alunos, inseridos nos ambientes periféricos da cidade.

No capítulo “Cinco teses sobre a homofobia”, David William Foster faz uma discussão a respeito da repressão sofrida pelos homossexuais a partir das formas da homofobia. Entendendo que essa expressão violenta parte da ideia de que existe uma conduta sexual inapropriada, o autor propõe uma discussão que se restringe não apenas aos crimes motivados pela intolerância, mas também à maneira como a homofobia está presente, de forma velada, nas universidades. Além disso, o artigo propõe desnaturalizar certas noções consolidadas, como o binarismo presente na estrutura das línguas.

Em “Histórias de si e o estilo livre de amar”, Paulo César Garcia propõe uma análise de *O que amar quer dizer*, relato de cunho autobiográfico da relação de seu autor, Mathie Lindon, com o filósofo Michel Foucault. Demonstra-se como a obra é perpassada pelas ideias de Foucault a respeito de poder, corpo e subjetividade, ao mesmo tempo em que retrata o processo de amadurecimento do jovem escritor; concretizando a possibilidade de narrar a si mesmo a partir do outro.

O artigo “Escritas de si e artes de viver transgênero: as insubordinações de uma escrita trans?”, de Fábio Henrique Lopes, inicia com o questionamento da neutralidade da escrita. Será possível semelhante fenômeno, ou essa forma de expressão não seria, também, perpassada por questões de gênero, raça, etnia e classe social? A partir disso, o texto dirige seus esforços para a caracterização de obras que retratam experiências de grupos excluídos, como as mulheres, os homossexuais e os transsexuais. Desse último em específico, o autor destaca a figura de Ruddy Pinho, analisando suas duas autobiografias.

No capítulo “Entre a palavra e o silêncio? A fragmentação do homem em tempos de AIDS”, Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Juliane Camila Chatagnier analisam o conto de Susan Sontag, *The way we live now*. As autoras abordam a maneira como certos padrões da masculinidade hegemônica (virilidade, heterossexualidade) passaram a ser questionadas, nessa história, a partir da perspectiva da epidemia de AIDS. Com isso, e utilizando as formulações de Judith Butler, debate-se como ocorre a constituição dos sujeitos em um mundo em que as identidades de gênero parecem cada vez mais fragmentadas.

Em “Caio Fernando Abreu, Cíntia Moskovich e a representação das sexualidades”, João Luiz Pereira Ourique e Ana Luiza Nunes Almeida destacam a crítica da teoria queer à heteronormatividade. Esta, ao criar um determinado padrão de comportamento considerado “normal”, acaba definindo uma suposta identidade gay, que

seria uma oposição a essa norma. Destacando-se a dificuldade que a literatura homoerótica possui de se desvencilhar dessa noção, o artigo centra sua discussão na novela *Dois iguais*, de Cíntia Moskvich, e nos contos *Terça-feira gorda* e *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu, buscando pensar as múltiplas caracterizações que as personagens homossexuais assumem nessas histórias.

Em “Por onde andará Irene? Micropolíticas do corpo, gênero e sexualidade em (outros) tempos de AIDS”, Fernando Pocahy retoma a expressão “Irene”, termo usado para designar homossexuais idosos. Em um trabalho histórico, amparado por reportagens de jornais, o autor expõe como eram as sociabilidades homossexuais no passado, frequentemente marcadas pela marginalidade, em tempos de acentuada repressão. Além de mostrar como esse cenário foi alterado com a chegada da AIDS, procuram-se ecos desse contexto na obra de Caio Fernando Abreu.

Em “Dentro da lâmina veloz”, Ricardo Postal e Emerson Silvestre analisam o conto *Pela noite*, de Caio Fernando Abreu. Busca-se demonstrar como a caracterização das personagens e seus conflitos representam duas posturas do próprio movimento LGBTQIA+: uma atitude queer transgressora e uma identidade homossexual. Com isso, os autores debatem uma crítica feita ao movimento, em que este acaba por homogeneizar as diferentes identidades de seus integrantes, negligenciando sua diversidade.

No penúltimo artigo, “Retratos da fragilidade: reflexos da doença nas cartas de Caio Fernando Abreu”, Gérson Werlang toma como objeto de sua investigação as cartas de Caio Fernando Abreu. O texto dirige sua atenção para o final da vida do escritor, período no qual o medo da AIDS era constante. Ao fazer isso, também termina por esboçar um retrato dessa época, em que a doença rondava a vida das pessoas como uma espécie de fantasma.

O último capítulo, “A AIDS em *Os dragões não conhecem o paraíso*, de Caio Fernando Abreu”, de Xênia Amaral Matos, continua a temática de seu antecessor, investigando a relação de Caio Fernando Abreu com a AIDS, dessa vez, em sua coletânea de contos *Os dragões não conhecem o paraíso*. Elaboram-se as diversas formas com que a doença é caracterizada na obra e, ao final, problematiza-se a reação de pânico generalizado suscitado pela doença.

Como se pode perceber, o livro possui uma diversidade de temas, abordagens e objetos de análise. Entretanto, esses diferentes recortes formam um todo orgânico ao assumirem que, sendo as formas de conhecimento inseparáveis do sujeito que conhece, é fundamental a caracterização de uma nova forma-sujeito que consiga abarcar a variedade de experiências e identidades assumidas pelo ser social. É justamente nesse ponto que reside o mérito do livro: é uma celebração do conflito e da diferença; sua existência é motivada pela desnaturalização de noções que são vistas como inquestionáveis.

REFERÊNCIAS

ALÓS, A. P. (org.). **Poéticas da masculinidade em ruínas**: o amor em tempos de AIDS. Brasília/Santa Maria: CNPq/PPGL-Editores, 2017.